

**Universidades Lusíada**

Seabra, Nuno Miguel Pereira Coelho da Silva, 1972-

**Construir, habitar, pensar : o bairro da  
Malagueira de Álvaro Siza**

<http://hdl.handle.net/11067/5032>

**Metadados**

**Data de Publicação**

2011

**Resumo**

A história do Bairro da Malagueira é longa, complexa e não encerrada, como todas as histórias de vida. É uma 'revolução' silenciosa e tranquila, desenrolada ao longo de três décadas e revelada pela faculdade ímpar da Arquitectura. A consciência de uma memória social, cultural e física nela habita, habita-a e é evidente. É uma mimesis crítica validada pela 'desconstrução' de uma realidade, tornando-se na 'reconstrução' ciente e participada de uma outra. É um trabalho quase anónimo, de uma arquite...

**Tipo**

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2023-05-05T19:29:22Z com informação proveniente do Repositório



Imagem 1 - Álvaro Siza. Terrenos destinados ao novo bairro – zona nordeste – celeiros e caminhos de pé posto, 1977 (arquivo Álvaro Siza).

## CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR O BAIRRO DA MALAGUEIRA DE ÁLVARO SIZA

MIGUEL SEABRA Mestre Arquitecto / Universidade Lusíada de Lisboa

*“Durante anos pensei que a arquitectura era algo diferente, algo especial, sublime e sobrenatural, algo parecido com uma intocável virgem branca [...] Passaram anos. Vi edifícios e conheci arquitecturas. Compreendi que um edifício não consiste numa bonita planta nem num bela fotografia [...] Então pensei que a arquitectura era sobretudo um acontecimento, como tantos outros que povoam a vida dos homens e, como todos os acontecimentos, sujeita às contingências da vida colectiva. Então, a intocável virgem branca transformou-se para mim numa manifestação de vida, e o mito foi derrubado.”<sup>1</sup>*

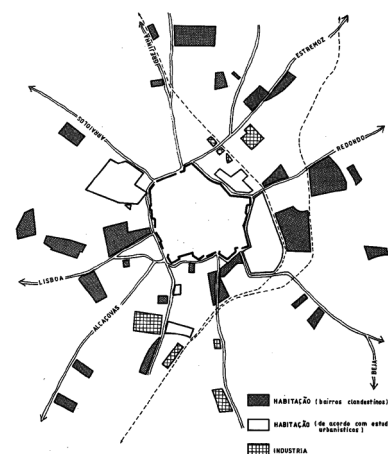
A história do Bairro da Malagueira é longa, complexa e não encerrada, como todas as histórias de vida. É uma ‘revolução’ silenciosa e tranquila, desenrolada ao longo de três décadas e revelada pela faculdade ímpar da Arquitectura. A consciência de uma memória social, cultural e física nela habita, habita-a e é evidente. É uma *mimesis* crítica validada pela ‘desconstrução’ de uma realidade, tornando-se na ‘reconstrução’ ciente e participada de uma outra. É um trabalho quase anónimo, de uma arquitectura ‘resistente’, pouco declarado e, por muitos, mal-amado e compreendido. É um campo ilimitado, onde tudo parece coincidir com a vida: uma ‘atmosfera’, onde o tempo é o grande arquitecto.

### Construir

No final da década de 70 do século passado, a estrutura urbana de Évora dividia-se em duas realidades distintas: a cidade velha intramuros e, disseminado pelos seus arrabaldes, um conjunto de bairros clandestinos. A fim de estancar o processo clandestino de ocupação do território, urgia a implementação de um processo literalmente distinto: um processo planeado, rigoroso e participado. Nesse sentido, projecta-se o ‘Plano de Expansão Prioritário da Cidade’, desenvolvido pela Direcção Geral dos Serviços

<sup>1</sup> TÁVORA, Fernando, in TRIGUEIROS, Luíz (editor), *Fernando Távora*, Lisboa, Editora Blau, 1993, p. 90.

Imagem 2 - Évora no ano de 1975 (in, CARVALHO, Jorge, Évora, Administração Urbanística, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1990, p. 33).



de Urbanização (DGSU). Consequentemente, em 1974, é escolhida uma zona a Oeste da cidade intramuros para implementar o 'Plano Parcial de Expansão'. Pautado por zonamentos, ou por manchas de ocupação, o plano parcial estabelece a divisão do território em zonas de elevada, média e baixa densidade, concretizando-se em edifícios multifamiliares de cinco a sete pisos de altura. No entanto, em grande parte por descuidar a especificidade da realidade de Évora, Nuno Portas, então Secretário de Estado para a Habitação e Urbanística, resolve rapidamente abandonar o plano da DGSU. Em conjunto com o recém-formado executivo camarário, desenvolve uma estratégia distinta da anterior. Deste modo, as habitações deveriam ser de baixa altura e de custos controlados, respeitando os índices de ocupação do plano da DGSU. Apelidou-se esta nova estratégia de 'Zona de Expansão Oeste', que compreendia os 27 hectares destinados ao Bairro da Malagueira. Nomeou-se Álvaro Siza Vieira para a realização deste projecto que, com a conclusão dos projectos do Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL), se encontrava com pouco trabalho no seu escritório. Com apreensão, Siza aceitou o desafio proposto.

É em 1977 que surge o estudo de Siza para o novo bairro. Revela-se como uma intenção, uma síntese – uma visão – quase onírica. A inteligência dessa intenção habita na síntese, onde o esboço a encerra. Corroborando e respeitando todas as premissas do plano da DGSU, Siza propõe uma distinta solução. Os diferentes zonamentos do anterior plano dão, assim, origem a manchas de interacção entre as várias condicionantes funcionais a cumprir – zona residencial, espaço público, equipamentos, entre outros –, como partes de um todo. Este desenho estabelece, desde logo, um tecido residencial compacto e de grande densidade, para mil e duzentos fogos em habitações unifamiliares de dois pisos.

É uma extrema sensibilidade topográfica, uma leitura eficaz da paisagem, de um contexto, de uma realidade, que preside ao desenho do novo plano. Do sítio destinado ao Bairro da Malagueira, destacavam-se os suaves declives, uma linha de água – Ribeira da Turgela –, os 'caminhos de pé posto', os bairros clandestinos de St.<sup>a</sup> Maria, de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Glória e de Fontanas que circunscreviam a área destinada ao novo bairro. Nos bairros clandestinos, especialmente no de St.<sup>a</sup> Maria, imperava a rua axial que unia casas de baixa altura em banda com pequenos pátios e, entalhando o céu, observava-se o perfil único da cidade velha. Os bairros clandestinos sugerem a Siza uma espontaneidade, um habitar vernáculo e conhecedor. É nesse encontro, entre o sítio e a ideia subadjacente, que Siza lança os primeiros conceitos do projecto. Como gesto primeiro, Siza vinca o território com

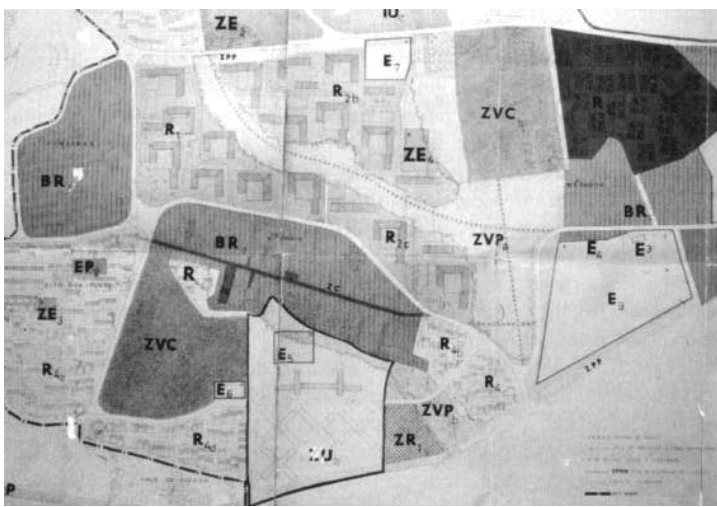


Imagem 3 - Plano de Expansão Oeste, desenvolvido pela DGSU (arquivo Álvaro Siza).

um traçado cruciforme – o ‘eixo Este/Oeste’ –, capaz de fundar cidade. Une os bairros clandestinos e procura o encontro com os acessos à cidade de Évora (imagem 4 e 5).

## Habitar

É pela mão da Associação de Moradores de São Sebastião (actual Cooperativa de Construção e Habitação Económica Giraldo Sem Pavor), com a construção da primeira fase, num total de cem casas, que Siza e o seu colaborador Nuno Lopes vêem o início da obra, em 29 de Maio de 1979. No ondular leve do terreno, emanaram quatro quarteirões em fundação contínua. Estes permanecem inalterados durante seis meses. Entre caboucos e arranques de muros ortogonais, começa a surgir um novo sistema, uma ossatura, que mais tarde se constituirá em habitação. Trata-se da génese do futuro tecido residencial. A construção das primeiras casas revelou ruínas coroadas por um silêncio desesperante, um silêncio inerente a qualquer nascimento de uma cidade (imagem 7). Entretanto, começam a surgir também as primeiras casas da Cooperativa de Habitação Económica Boa Vontade e do Fundo de Fomento de Habitação (FFH).

É nos primeiros anos da década de 80 do século passado que se constata um enorme ímpeto de construção no novo bairro, com o erigir dos primeiros programas de habitação, quer pelas cooperativas, quer pelo Estado, quer ainda pelos privados. Tudo se tinha iniciado, mas nada estava perto de estar concluído. A par desta ebulição, as primeiras casas revelam patologias e fraquezas construtivas. Entre contendas sociais, boicotes e lutas políticas diárias, serão os movimentos cooperativos, principais dinamizadores de todo o projecto, que, em conjunto com Siza, com uma perseverança implacável, irão legitimar a vitalidade do projecto.

Nada é concebido nem ao acaso, nem exaltando modelos conceptuais anacrónicos, falsos e distantes de uma realidade particular. Para o tecido residencial, Siza concebe um lote base de oito por doze metros, que, pela repetição, estabelece uma frente de rua de casas em banda. No seu conjunto, a tipologia habitacional supprime-se. Ao repetir-se, gera um volume paralelepípedo maciço, dissecado em dois, ceifado a eixo por uma rua estreita. A frente de rua, peculiar, anónima, ritmada, dura e simples, mostra apenas o imprescindível. O leve ondular da topografia consente, a esta frente, um dança opulenta em toda a sua singeleza. A rua expressa

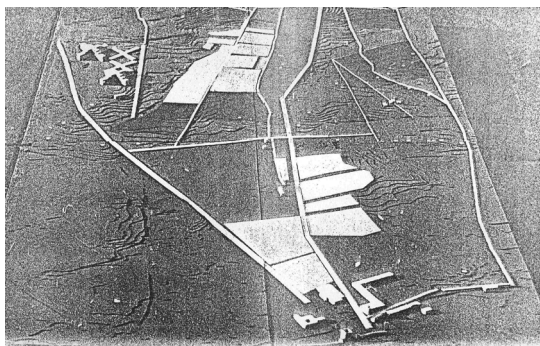
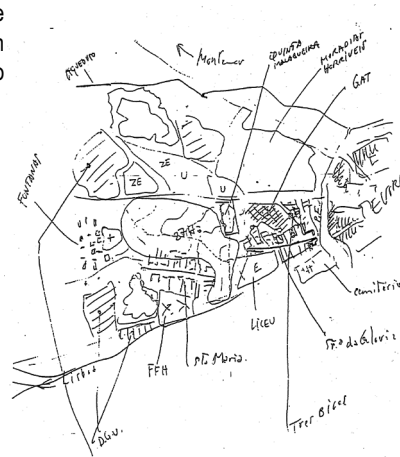


Imagem 4 - Modelo tridimensional, Plano de Pormenor integrado na Zona de Expansão Oeste, Agosto de 1977 (arquivo Câmara Municipal de Évora - processo n.º 8.2.2.17/DAU).

Imagem 5 - Esquismo de Álvaro Siza: leitura de um contexto, 1977 (arquivo Álvaro Siza).



o cunho vicinal, de contiguidade ou de comunidade. As ruas vicinais são lugares intersticiais que lançam e provocam o corpo num labirinto fácil, numa hierarquia dos diferentes modos de habitar, definindo lugares privados e lugares públicos, reflectindo uma clara consciência urbana (imagem 8).

Siza propõe somente um desenho para a tipologia habitacional, que, mais uma vez, revela uma leitura consciente de um contexto, congregando aquilo que o sítio e a cidade intramuros lhe sugeriam. Siza remete a sua génese para a espontaneidade vernacular presente nos bairros clandestinos contíguos ao plano. O vernacular é um amparo, capaz de atribuir vitalidade e autenticidade a um habitar, expresso por um construir. É a procura de um anonimato, ou, mesmo, de uma ‘não imposição’, nunca desprezando as premissas ou restrições, quer a nível construtivo, quer a nível dos índices fornecidos pelo plano da DGSU, quer ainda decorrentes de solicitações directas das cooperativas.

A partir de um desenho base nasce, assim, uma família de duas tipologias – a ‘A’ e a ‘B’ –, que variam entre si, essencialmente, na disposição do pátio. A ‘A’ será a tipologia mais utilizada. Inerente às duas tipologias base, está a possibilidade das mesmas evoluírem. O desenho de 1977 permite passar de um para cinco quartos, em ambas tipologias. Nesta evolução, o terraço no piso superior é consequentemente alterado, a ponto de, no T5, ser anulado. O pátio, enquanto âmbito da casa, é um lugar introvertido, a partir do qual se hierarquizam os restantes lugares. Desde e parte até ao todo, tudo é exaustivamente pensado, aferido pelo rigor e pela síntese do desenho (imagem 9,10 e 11).

Perante as vicissitudes do decorrer da construção do bairro, Siza é chamado a desenhar pequenos grupos de habitações, inseridos no denso tecido residencial, de premissas diferentes da tipologia evolutiva. Estas, não-evolutivas – num total de cinco conjuntos habitacionais –, virgulam o tecido residencial, em lugares híbridos ou de remate. Em casos pontuais, fundidas no tecido, surgem outras tipologias pertença de particulares que optaram por outros arquitectos. Os volumes destinados às garagens surgem, igualmente, em espaços híbridos, ou sobrantes, do plano. São blocos, ou volumes, lineares encerrados e cegos, pontuando a paisagem com uma presença enigmática.

A 'segunda escala' – assim nomeada por Siza aos demais equipamentos pensados para o bairro –, forçosamente dependente dos financiamentos estatais e autárquicos, claudicou durante os anos de construção do novo bairro. Dividiu-se em dois grupos ou

Imagem 6 - Infra-estruturas: o esgoto doméstico, 198(?) (arquivo CCHE Giraldo Sem Pavor, cri):



paisagens: a *natural* – a *estrutura verde* desenvolvida por João Gomes da Silva – e a *construída* – os edifícios do domínio público. João Gomes da Silva procurou, por um lado, firmar o tecido residencial consolidado e em construção e, por outro, qualificar os vazios existentes nesse tecido, mediando a densidade do conjunto construído, unindo e separando, aproximando e distanciando, encerrando e abrindo, exaltando uma realidade, num agir íntimo desta. Por um lado, deslinda uma estrutura primária, com a ligação da paisagem preexistente, de características rurais, com a cidade intramuros, solicitando uma estrutura espacial contínua. Por outro lado, contrário ao anterior, ambiciona uma fragmentação da referida paisagem, uma tipologia fundada em lagos, pátios, praças e jardins. Os edifícios públicos complementam a hierarquização da *paisagem* (espaço público – quarteirão – rua – casa – e vice-versa), fomentando uma escala distinta, a ‘segunda’. Os de comércio e de serviços estendem-se pelos percursos pedonais do porticado da conduta, rematando e ancorando as ruas e o casario, evitando uma ruptura no todo. Destes, destaquemos a *Broadway 2*, que estabelece e cria pontes com o tecido residencial, rematando e afastando o casario, ao cerzi-lo com a rua curvilínea (imagem 12). É, essencialmente sobre o eixo nascente/poente, que encontramos um conjunto de projectos para equipamentos públicos, proposto pelas cooperativas em conjunto com Siza. Disseminados pelo bairro, encontramos, no projecto de Siza, uma Casa de Chá, uma Policlínica, a sede da Cooperativa de Habitação Económica Boa Vontade, o Centro Social e Paroquial de São Bosco, um Cinema ao ar livre, um Centro de Dia para idosos, uma zona de apoio para os jardineiros da Câmara Municipal e um pequeno parque infantil. No entanto, a maior parte destes equipamentos continua por construir.

Diferente de todos os outros, surge um equipamento único, capaz de agregar um sistema de relações enquanto reunião de uma comunidade. Intitulado ‘Semi-cúpula’, este edifício encerra e abre um vazio na avenida principal, assumindo-se como uma *ágora*, uma pequena praça onde a vida social florescesse, no encontro e na reunião de todos e de tudo. Contrastante com a envolvente pela sua escala, é uma entidade que confronta e suporta o cheio e o vazio, o construído e o não construído (imagem 13 e 14). À semelhança dos restantes equipamentos, a Semi-cúpula continua por construir.



Imagem 7 – Fundações das primeiras cem casas (fotografia de J.P. Rayon, in MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza, La Malagueira a Évora*. Ano III, vol. 5. Monfalcone, Edicom Edizioni, 2000).

## Pensar

O peaduto, ou conduta, encerra uma inteligência ímpar, capaz de executar uma *ponte* rica com as memórias declaradas no ponto Construir. É um meta-diálogo com uma realidade viva amparada no passado, em que este é o futuro proclamado que se torna visível no presente pela Arquitectura. É o carácter do sistema de relações iniciado pelo Construir e reiterado pelo Habitar, consolidado na vivência, para, e a partir dela, informar um presente. Procura-se o encontro entre pessoas, alicerçando-se uma vida activa. Um 'entre' que cruza e vinca o território, apoiando o sistema viário, suportando o casario e toda a vida do bairro. Trabalha e levanta-se da topografia, arroga-se como um espaço canal. A cota superior engloba a maior parte das infra-estruturas do bairro. A inferior constrói um percurso único, compassado por pórticos. É um estar entre, ou seja, um mediador de duas realidades distintas mas complementares – um exterior e um interior –, vincando a axialidade das ruas vicinais. Procura o contraste com o maciço branco do casario do bairro, sintetizando e facultando uma identidade ao mesmo (imagens 15, 16, 17, 18 e 19).

Desde há muito tempo que pouco ou nada é feito, estando o Bairro da Malagueira mergulhado num marasmo temporal preocupante. Negando este marasmo, encontramos, no entanto, as construções clandestinas de origem particular. É inegável, e no mínimo interessante, presenciar que o Bairro da Malagueira demonstra uma capacidade de encaixe notável, capaz de absorver esse impacto, que, para alguns, é nocivo. Perante estigmas e quezílias sociais alimentadas durante anos e ainda bem presentes, é extraordinário constatar que a natureza evolutiva da habitação é capaz de se adaptar, de se encaixar, de ser re-*apropriada* de um modo natural pelos moradores. Apazigua os estigmas comprovando uma valia social estável. Esta re-*apropriação* é, a nosso ver, um dos acontecimentos mais curiosos, encamando as valias de décadas de perseverança, constatado no e pelo *habitar*. Mais: refira-se que se observa também um processo inverso ao da re-*apropriação*. Voltar ao projecto inicial é extremamente fácil. Esta dualidade, derivada da re-*apropriação* – uma *elasticidade* anunciada pela capacidade de se *construir* e *desconstruir*, em velocidades contínuas, quer pela adulteração, quer pela recuperação, sem nunca perder a sua identidade – permite um *habitar* no todo inteligível. A Malagueira está sempre a renascer, como se de um organismo vivo se tratasse, que continuamente se auto alimenta. Esta elasticidade, este “*aguentar tudo*”, é perceptível tanto à escala maior como à menor. É uma *Arquitectura de Resistência*, capaz de uma resiliência ímpar, fundada numa estrutura, num rigor intrincado, que, desde o original até ao desgaste da



Imagem 8 – Diagrama síntese em planta do tecido residencial – o volume do tecido (A) residencial é espelhado em função da rua (B). Os lotes para comércio e serviços e a conduta rematam o referido tecido (N. Miguel Seabra, 2005).

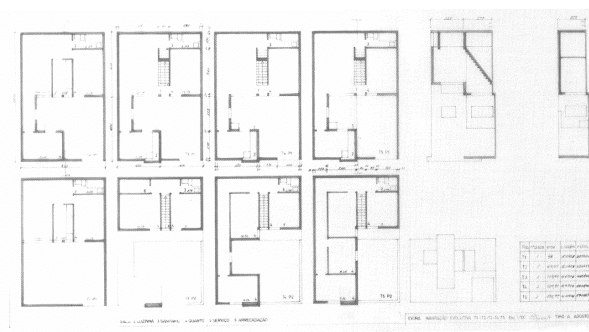


Imagem 9 – Tipologia A (1ª fase) – Casa evolutiva – tipologias T1, T2, T3, T4 e T5. Agosto de 1977. Note-se que o tipo T1 nunca foi construído (arquivo Álvaro Siza).

*re-apropriação*, afirma e certifica um desenho sublime.

Hoje, o bairro está novamente a nascer, num processo interessante e incessante de reciclagem da vida e da própria Arquitectura, mantendo vivo e saudável o sistema de relações. Incorpora conscientemente questões primordiais para o entendimento da disciplina da Arquitectura, apontando-lhe caminhos para um futuro próximo. É um diálogo rigoroso entre a parte e o todo, unificado pela capacidade aglutinadora, estruturadora de uma reflexão maturada pelo grande arquitecto: o Tempo. Desde a escala *maior* até à *menor*, tudo é uníssono. É desafiante habitar este silêncio, cheio de tanta vitalidade, onde o desenho está em tudo sempre presente. Uma intemporalidade já habita o bairro, reflectindo-se na tangibilidade do sistema de relações proposto.

A Arquitectura, enquanto Acontecimento, encontra no singular Bairro da Malagueira uma saudação para a sua existência, autenticada por um processo propedêutico e cívico, ou seja, pedagógico.



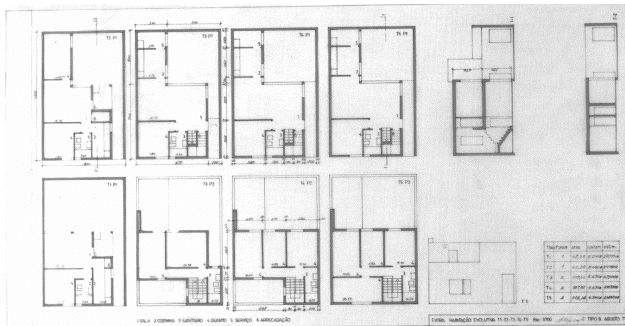


Imagem 10 – Tipologia B (1ª fase) – Casa evolutiva – tipologias T1, T2, T3, T4 e T5. Agosto de 1977. Note-se que o tipo T1 nunca foi construído (arquivo Álvaro Siza).

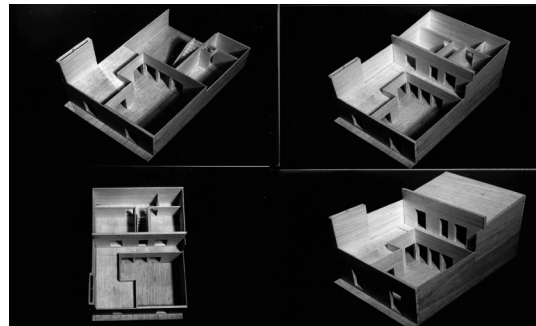
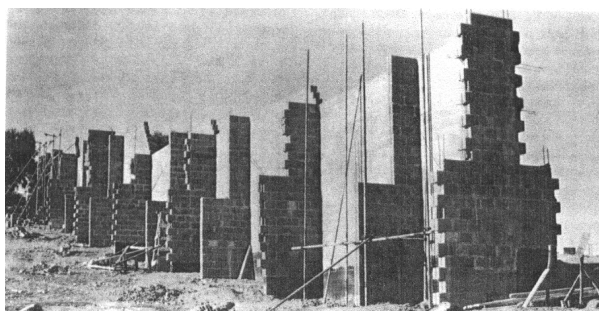


Imagem 11 – Tipologia A (1ª fase) – Casa evolutiva – modelo tridimensional 1977 (arquivo Álvaro Siza).



### Agradecimentos

Abílio Fernandes, Alcino Ferreira, Álvaro Siza Vieira, Ana Franco, Andrew Shore, António Carrapato, Eduardo Santos, Francisco Carvalho, João Gomes da Silva, João Miguel Couto Duarte, João Trindade, Jorge Raposo, José António Louro, José Bandeira, José Semedo Lázaro, Maria Carolina Rainha, Nuno Godinho, Nuno Ribeiro Lopes, Pedro Fogaça, Ricardo Zúquete, Susana Cunha.

### Arquivos

Arquivo Cooperativa de Habitação Económica Boa Vontade, crl; Arquivo Cooperativa de Construção e Habitação Económica Giraldo Sem Pavor, crl, Arquivo Fotográfico Câmara Municipal de Évora; Arquivo HabÉvora, EM; Arquivo Álvaro Siza; Arquivo António Carrapato e Arquivo João Gomes da Silva.

### Bibliografia de referência

**CARVALHO**, Jorge

*Évora, Administração Urbanística*, Évora, Câmara Municipal de Évora, 1990.

**COLLOVÀ**, R.

*“Cronologie: Malagueira, Évora, 1974-2000”*, Lotus International.

New York, n.º 103, Rizzoli, Dezembro, 1999.

**FALOCI**, P.L., **DEVILERS** C.

*“SIZA - Retour à Évora”*, L'Architecture d'aujourd'hui.

Paris, n.º278, Dezembro 1991.

**MOLTENI**, Enrico

*Álvaro Siza, Barrio de la Malagueira, Évora*.

Textos e documents d'Arquitectura. Escola Técnica Superior d'Arquitectura del Vallès. Número 05.

Barcelona, Edicions UPC, 1997.

**MOLTENI**, Enrico

*Álvaro Siza, La Malagueira a Évora*.

Ano III, vol. 5.

Monfalcone, Edicom Edizioni, 2000.

**MÓNICA**, M. F.

*“Malagueira. Régua e esquadro”*, Indy, suplemento de O Independente

Lisboa, n.º 506, Janeiro, 1998.

**RAYON**, Jean Paul

*“Introduzione al Metodo di A. Siza” / “Álvaro Siza Vieira: Il quartiere Malagueira”*, Casabella.

Milão, n.º 478, ed. Electa, Março, 1982.

**SEABRA**, N. Miguel, *Construir, Habitar, Pensar o Bairro da Malagueira de Álvaro Siza*, Dissertação de Mestrado em Teoria de Arquitectura, Universidade Lusíada de Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, Janeiro de 2006.

**SIZA**, Álvaro

*Imaginar a Evidência.*

Lisboa, Edições 70, 2000.

**SIZA**, Álvaro; **CASTANHEIRA**, Carlos

*As cidades de Álvaro Siza.*

Lisboa, Figueirinhas, 2001.

**TESTA**, Peter

*A Arquitectura de Álvaro Siza.*

Porto, Edições FAUP, 1988.

**TESTA**, Peter

*Álvaro Siza: Obras y Proyectos 1954 -1992.*

Barcelona, ed. Gustavo Gili, 1993.

**TRIGUEIROS**, Luíz (editor)

*Fernando Távora*, Lisboa, Editora Blau, 1993.

**VENEZIA**, Francesco

*“Built on the Site: Álvaro Siza in Évora”*, Lotus International.

New York, n.º 37, Rizzoli, Dezembro, 1983.